



ANAIIS
DA SEMANA DOS
MUSEUS
DA UFPEL

2022

VOLUME 6



PR
Pro-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura

REDE
DE MUSEUS
UFPEL



ANAIS DA SEMANA DOS MUSEUS DA UFPEL



2023

VOLUME 6

E-ISSN – 2674-6298

Noris Mara Pacheco Martins Leal
Eleonora Campos da Motta Santos
Isadora Costa Oliveira

Organizadoras

Edição: Noris Mara P M Leal e Marco Aurélio da Cruz Souza

Diagramação e Capa: Roberta Locateli

Foto de capa: Fotografia aérea da Praça Cel. Pedro Osório, Centro Histórico da cidade de Pelotas/RS. De autoria de Felipe Argiles Silveira. A praça que já foi denominada de Campo, Praça do Teatro, Praça da Regeneração, Praça do Redondo, Praça Dom Pedro II e Praça da República. O nome atual foi dado em 1931, em homenagem ao Coronel Pedro Luís da Rocha Osório, falecido naquele ano. Faz parte do conjunto arquitetônico pelotense, que em 2018 foi reconhecido como patrimônio cultural nacional. No seu entorno estão situados os museus da UFPEL: Museu do Doce, Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

B.2. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS: a educação e a comunicação com o público

Adriana Aparecida Ganzer

Doutoranda em Educação; Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

aaganzer@gmail.com

Zita Rosane Possamai

Estudante; Instituto Federal de educação e tecnologia campus Jacaré;

aline24122000@gmail.com

Resumo: Ao compreender o museu como um espaço educativo, este trabalho apresenta reflexões concernentes ao museu e à educação na produção de conhecimento. Contempla parte de uma pesquisa de doutorado inserida na linha de pesquisa História, Memória e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que objetiva explorar a dimensão educativa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS nos anos iniciais de sua criação. Assume uma investigação documental, ao estudar o corpus empírico localizado no núcleo de acervos, documentação e pesquisa do museu, sobretudo com o objetivo de investigar os registros disponibilizados que referenciam a educação. Parte do modo indiciário amparado em Carlo Ginzburg (1989) e na operação historiográfica de Michel de Certeau (1982), como metodologia para analisar as escritas desses documentos que potencializam a história do MARGS. Toma como ponto de partida a História da Educação, em consonância com as teorias museológicas, para assim organizar, moldar e compreender como o museu iniciou a comunicação com o seu público.

Palavras-chave: Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS. Documentação. Educação. Público.

Introdução

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi criado no dia 27 de julho de 1954 pelo decreto estadual nº 5065. Teve como idealizador e primeiro diretor o professor e artista Ado Malagoli, referência para a cultura e para a educação no Rio Grande do Sul nos anos 1950, que ao institucionalizar o sistema artístico com a criação de um museu de arte, também ampliou os estudos na técnica da pintura, como professor no

IBA – Instituto de Belas Artes (hoje Instituto de Artes – UFRGS). O MARGS acompanhou historicamente a criação dos museus em outros estados brasileiros, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, uma efervescência cultural associada aos espaços de ensino da arte e, conseqüentemente, suas relações com a educação (LOURENÇO, 1999).

Em uma entrevista concedida para o crítico de arte Carlos Scarinci, Ado Malagoli mencionou que a principal missão de um museu é a de “[...] difundir e apresentar a arte como um veículo ativo de educação” (SCARINCI, 1955). Nessa direção, esse recorte da pesquisa assinala considerações sobre como a educação foi pensada no período de criação do MARGS e quais atividades foram registradas como educativas.

Michel de Certeau (1982) aponta o recurso da cronologia como um lugar de produção que autoriza o texto, que indica um aspecto que o tempo presta para a história sendo condição de possibilidade para um recorte em períodos. Ademais, Walter Benjamin (1994) no seu conceito de história, ao acreditar que existe um encontro secreto marcado entre gerações precedentes a nossa, pontua que articular o passado historicamente significa apropriar-se de uma reminiscência, pois para Benjamin, o método da montagem é tido como um planejamento que encontra ecos no paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

Assim, essa construção de tempo, está fundamentada na documentação disponibilizada no núcleo de acervos e pesquisa do MARGS, amalgamada aos referenciais teórico metodológicos amparados na História da Educação e na História dos Museus. Conforme Ginzburg (1989), existem zonas privilegiadas, sinais e indícios que permitem decifrações, esse modo indiciário aciona e possibilita uma metodologia para analisar as escritas dos documentos, bem como encontrar os detalhes dos discursos ali contidos, para modelar e produzir uma narrativa.

A educação e a comunicação com o público

Ao compreender que os museus possibilitam uma compreensão da realidade social por meio de suas coleções e operam com a elaboração de discursos, Possamai (2001) pondera que estudar os museus contribui para refletirmos o papel das instituições na atualidade, bem como, constroem e veiculam representações atinentes

ao passado junto da história a ser contada para as futuras gerações. Portanto, sopesamos o estudo da educação, para que tenhamos uma visão mais crítica e realmente sabermos se as ações realizadas são educativas.

Outrossim, os Conceitos-Chave da Museologia, considerados uma ferramenta de referência para as pesquisas tanto de profissionais de museus, como para pesquisadores, apresentam questões basilares, quais sejam: “O que é um museu? Como definir uma coleção? O que é uma instituição?” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 17), os autores complementam que foram desenvolvidas respostas a estas questões, contudo salientam a importância de sempre retomá-las. Neste pensamento, é possível acrescentar mais uma indagação – o que pode contemplar o termo educação nos museus? Para ampliar o discurso, Possamai (2015) pontua que “[...] nos séculos XX e XXI, os museus aprofundaram seus objetivos concernentes à educação” (Idem, p. 107), destarte “[...] os museus de todos os tempos e de todas as tipologias – sejam de ciências e tecnologia, de história, antropológicos ou de arte – são, obviamente, museus com forte marca educativa” (POSSAMAI, 2015, p. 104).

Vale dizer que no momento em que o museu conserva e apresenta seu patrimônio, está gerando efeitos educativos, independentemente de realizar atividades denominadas pedagógicas, “[...] a instituição é em si mesma um meio educativo” (VALENTE, 2009, p. 88), sendo assim, a dimensão educativa tem potencial para ser ampliada e orientada no empenho da institucionalização do museu, ao compreender que a educação é considerada uma dimensão intrínseca da instituição. Impulsiona a atuação do museu frente aos diferentes públicos e intensifica a exposição como o principal veículo de comunicação e democratização (VALENTE, 2009).

Já para Lisbeth Gonçalves (2004), os museus lidam com os objetos culturais impregnados de sentido, e com o imaginário do público visitante. O museu de arte, por exemplo, trabalha com as questões que permeiam a visualidade das obras de arte e enquanto documentos plásticos, as obras integram a realidade histórica. Ademais, um dos méritos do museu é promover o conhecimento da história e da crítica de arte. Para a autora, a aproximação da coleção e da história da arte está inserida num trabalho de reflexão sobre a arte do passado e do presente. “As obras e as exposições no museu transformam-se em catalisadores e difusores de sentidos que podem nortear criticamente a interpretação da exposição que se visita” (GONÇALVES, 2004, p. 74).

Nesta perspectiva, no registro das primeiras exposições organizadas pelo MARGS, foi possível identificar que Ado Malagoli teve a fundamental colaboração das professoras e artistas Alice Soares e Christina Balbão, tanto na organização das mostras, quanto na relação com o público. A repercussão das exposições e as informações sobre como aconteceu o processo de comunicação com o público visitante, foi assinalada por críticos de arte e jornalistas, nas revistas e jornais coetâneos.

É significativo compreender que a primeira exposição aconteceu no ano de 1955, denominada – 1º Exposição de Arte Brasileira Contemporânea, uma mostra coletiva realizada na Casa das Molduras, considerada a principal galeria de arte na época, localizada na Rua da Praia, artéria mais movimentada do Centro da cidade. Já em 1958, a exposição retrospectiva de Pedro Weingärtner, além de inaugurar oficialmente o museu na primeira sede – o Theatro São Pedro, também principiou o ciclo de exposições do MARGS com destaques para artistas nacionais e estrangeiros. O Professor Angelo Guido, com uma conferência sobre a obra de Weingärtner, deu início a uma série de palestras – “[...] com o fito de educar e estimular o público à melhor apreciação das Artes” (SCARINCI, 1957).

Considerações

Para Walter Benjamin (1994, p. 193) “[...] quem se recolhe diante de uma obra de arte mergulha dentro dela e nela se dissolve”, uma vez que a abordagem do conhecedor é de recolhimento, no sentido da contemplação e da apreciação. Sendo assim, as questões até aqui consideradas educativas pela pesquisa, que aconteceram nos primeiros anos de existência do museu, estão vinculadas à comunicação e formação de público. Os apontamentos foram encontrados nas reportagens dos jornais locais da época e na revista do globo, igualmente nas entrevistas realizadas posteriormente, registradas em periódicos como por exemplo, nos boletins informativos e nos catálogos do MARGS. É possível dizer que esse espaço de tempo identifica e marca o início da historiografia do museu, ao mesmo tempo em que aponta considerações atinentes à proposta educativa em consonância com a missão do museu. Há ainda muito a ser pesquisado e escrito a partir desse material

disponibilizado, amalgamado aos referenciais teóricos e pesquisas já realizadas que mencionam o tema educação em museus.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Armand Colin, 2013.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre Cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ FAPESP, 2004.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Os museus acolhem o moderno.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Exposição, Coleção, Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 103-119, out./dez. 2015.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre.** Porto Alegre: Est Edições, 2001.

SCARINCI, Carlos. **Revista do Globo.** Porto Alegre, RS, ano 21 nº 642, 1955.

SCARINCI, Carlos. **Revista do Globo.** Porto Alegre, RS, 29/06/1957.

VALENTE, Maria Ester Alvarez. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. In: GRANATO, Marcus. et al. **Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas/Museu de Astronomia e Ciências Afins**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.